



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
CURSO MESTRADO PROFISSIONAL EM JORNALISMO

JONAS LUCAS VIEIRA DA SILVA

Ser PositHIVo: relatos da aids em Pernambuco

JOÃO PESSOA

2016

JONAS LUCAS VIEIRA DA SILVA

Ser PositHIVo: relatos da aids em Pernambuco

Relatório do Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo, sob a orientação do prof. Dr. Hildeberto Barbosa de Araujo Filho, na área de concentração Produção Jornalística.

JOÃO PESSOA

2016

S586s Silva, Jonas Lucas Vieira da.
Ser positHIVO: relatos da AIDS em Pernambuco / Jonas
Lucas Vieira da Silva.- João Pessoa, 2016.
47p.
Orientador: Hildeberto Barbosa de Araujo Filho
Relatório (Mestrado) - UFPB/CCTA
1. Jornalismo. 2. Produção jornalística. 3. Livro-reportagem.
4. Direitos humanos. 5. Aids.

UFPB/BC

CDU: 070(047)

JONAS LUCAS VIEIRA DA SILVA

Ser PositHIVo: relatos da aids em Pernambuco

Relatório do Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Área de Concentração: Produção Jornalística
Linha de pesquisa: Práticas, Processos e Produtos Jornalísticos

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Hildeberto Barbosa de Araujo Filho, Doutor – Universidade Federal da Paraíba.

Membro: Gloria de Lourdes Freire Rabay, Doutora – Universidade Federal da Paraíba.

Membro: Francisco Sá Barreto dos Santos, Doutor – Universidade Federal de Pernambuco.

Resultado: _____

João Pessoa, _____/_____/_____

SILVA, J. L. V. da. **Ser positHIVO**: relatos da aids em Pernambuco. 2016. 150 p. Trabalho de Conclusão (Mestrado Profissional em Jornalismo) – CCTA-UFPB, sob orientação do prof. Dr. Hildeberto Barbosa de Araujo Filho, João Pessoa, 2016.

RESUMO

Este relatório apresenta a fundamentação e a criação de um livro-reportagem sobre aqueles que vivem com HIV/aids no estado de Pernambuco. O produto foi realizado para ser um canal de comunicação que expõe as necessidades dos soropositivos e discute a relação entre eles, o poder público e a sociedade. Por meio dele, buscou-se problematizar a respeito das ações que devem ser realizadas em prol dos direitos de quem tem a sorologia positiva para o HIV, além de desmistificar diversas questões referentes aos HIV positivos no que diz respeito aos estigmas e preconceitos pelos quais passam. Esta pesquisa surgiu da necessidade de pensar as diversas formas de contribuição do jornalismo para o entendimento e a discussão acerca de quem vive com HIV/aids. O intuito de realizar este estudo parte do pressuposto de que o entendimento das diversas realidades existentes nas obras escritas por jornalistas podem contribuir para compreender e vivenciar os fatos narrados. Evidencia-se, dessa forma, que o livro-reportagem, utilizado pelos jornalistas para narrar acontecimentos e auxiliar na compreensão de fatos singulares para a humanidade, é um produto propício para tratar das questões acerca do vírus HIV e da aids.

Palavras-chave: Jornalismo. Livro-reportagem. Direitos Humanos. Aids.

ABSTRACT

This report describes the rationale and the creation of a book-report about those living with HIV/aids in the state of Pernambuco. The product was made to be a communication channel that exposes the needs of HIV-positive and discusses the relationship between them, the government and the society. Through it, we seek to discuss regarding the actions that must be performed for the rights of those with positive HIV status, and demystify several issues relating to HIV positive with regard to stigma and prejudice by which they pass. This research arose from the need to think about the various forms of journalism contribution to the understanding and discussion of those living with aids. The intention of create this study assumes that the understanding of the various existing realities in the works written by journalists can contribute to understand and experience the narrated facts. It is intended, thus, evident that the book-report, used by journalists to narrate the events and assist in the understanding of important facts to humanity, is a product suitable to address the issues about HIV and aids.

Keywords: Journalism. Book-report. Human Rights. Aids.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO	6
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	6
1.2 JUSTIFICATIVA	8
1.3 OBJETIVO GERAL	9
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	9
CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 LIVRO-REPORTAGEM	11
2.2 AIDS E JORNALISMO	14
2.3 PRÁTICA JORNALÍSTICA PARA OS HIV POSITIVOS	19
CAPÍTULO 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	26
3.1 DEFINIÇÃO DO UNIVERSO E POPULAÇÃO DE INTERESSE	26
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.3 COLETA DE DADOS	31
3.4 RESULTADO, ANÁLISE CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO	32
CAPITULO 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
4.1 RELEVÂNCIA DA PESQUISA	36
4.2 APONTAMENTOS FINAIS	36
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE - PRÁTICAS INTEGRATIVAS	45

CAPÍTULO 1 CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O jornalismo se configura como uma construção da realidade factual em um curto espaço, seja de tempo ou ambiente. Na lógica de produção jornalística, a novidade e o relato do imediato nem sempre comportam aprofundamento. Ao mesmo tempo em que se volta para o imediatismo, a narrativa jornalística busca nas histórias das pessoas uma maneira de contextualizar e explicitar as questões da humanidade. Essa relação é realizada, muitas vezes, sem o devido aprofundamento na contextualização, gerando várias críticas em relação à linguagem jornalística. No entanto, o jornalista encontra no livro-reportagem um caminho para construir uma narrativa mais aprofundada e densa. Nesse sentido, Fernandes (2002) destaca ser indiscutível, por exemplo, o papel do jornalismo para dar visibilidade às questões que envolvem direitos humanos e cidadania. Para o autor, a complexa sociedade atual precisa de um lugar para enviar os temas relevantes. Não só para dar ênfase a esses temas, mas também interpretá-los. Com esse intuito, o projeto jornalístico discutido aqui articulou a criação de um livro-reportagem para tratar da vida dos portadores do vírus HIV no estado de Pernambuco, especificamente no que diz respeito à luta pelos direitos que eles vivenciam.

Diante dessa perspectiva, como afirma Monteiro (2009), a prática de uma comunicação pública pode representar um caminho para estabelecer a simetria de poderes nas sociedades contemporâneas. Pois, configura-se tanto num movimento para dar espaço, na mídia, às diferentes vozes presentes na sociedade, para que elas participem do debate político, como também para gerar espaços alternativos, fora da mídia, que permitam a esses grupos sociais formular suas próprias interpretações sobre as necessidades e os interesses deles. Com isso, o que se almeja é uma comunicação diferenciada para atender aos interesses não só daqueles que detêm os meios de produção, mas também da sociedade como um todo, fazendo valer o que é uma garantia do ser humano: o acesso à informação e o direito de se comunicar das mais diversas formas. Conforme salienta Squirra (2009), as portas de comunicação estão em toda parte, seja em formatos grandes, radicalmente discretas ou mesmo dissimuladas, e serão colocadas nas mesas dos escritórios, nas empresas ou nos domicílios ou, ainda, nas paredes dos cômodos domésticos. Assim, para Beltrão (1992), o jornalismo se configura como informação de fatos atuais e correntes, sendo eles devidamente interpretados para serem transmitidos periodicamente, não ao indivíduo isolado, mas a um conjunto ou à totalidade dos

que estão em sociedade. Por servir, acima de tudo, à comunidade na qual se exerce, o jornalismo tem de necessariamente se dirigir a um mesmo clã para que possa representá-lo e exprimir os ideais dessa comunidade, contribuindo para a realização de suas causas e a solução dos seus problemas e conflitos.

Por conta das várias possibilidades de análise dos acontecimentos, e das distintas narrativas jornalísticas possíveis para abranger esses acontecimentos, quem tenta o feito pode pensar de um jeito, fazer de outro e realizar feitos que não foram percebidos, nem propostos. É um processo natural de idas, vindas, descontinuidades e continuidades. Ou seja, de buscas constantes em nome de um aprofundamento dos fatos para que se possa expô-los da maneira mais fidedigna possível. Mas até que ponto o jornalista consegue abarcar tudo? Como garantir que existe concretamente uma fidedignidade para a interpretação de uma realidade? Becker (2009) destaca que, com bastante frequência, algumas pessoas não se encaixam em mundos organizados de produtores e usuários. Elas são consideradas experimentadoras e inovadoras por não fazerem as coisas que são feitas costumeiramente. Mas as soluções que dão para problemas comuns dizem muito e podem abrir os olhos para possibilidades que uma prática mais convencional não vê. Por isso, em sociedades modernas ou em todas as sociedades, o ser humano tem a necessidade de conhecer mais do que aprendem com a experiência pessoal. Ele necessita, ou quer, saber sobre várias outras coisas: pessoas, lugares, situações, épocas, estilos de vida, possibilidades e oportunidades. Justamente o que busca um jornalista ao se voltar para o livro-reportagem.

É inerente ao profissional jornalista, então, procurar representações da sociedade, por meio do que outras pessoas falam, sobre todas as coisas de que ele não sabe em primeira mão e gostaria de saber. Com a informação adicional, poderá fazer os planos e pensamentos mais complexos e reagir de uma maneira mais complexa às situações imediatas de vida (BECKER, 2009, p. 18). E o que seria uma representação da sociedade? Berger e Luckmann (2003) ressaltam que, sendo a sociedade uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, qualquer compreensão teórica relativa a ela deve abranger ambos os aspectos. Estes só são reconhecidos se a sociedade for entendida por um processo dialético em curso, composto de três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização. Esses momentos não devem ser pensados como uma sequência temporal. Ao contrário, a sociedade e cada uma de suas partes são simultaneamente caracterizadas por todos eles (BERGER, LUCKMANN, 2003, p.173). Sendo assim, a representação da sociedade pode ser algo que alguém conta sobre algum aspecto da vida social. Essa definição abrange uma série de ideais: desde as representações do

senso comum, extraídas dos relatos de leigos, até detalhes mais precisos e estudados, por anos a fio, pelos especialistas em desvendar e destrinchar as diversas formas de vida e experiências em sociedade.

O projeto analisado neste relatório objetiva justamente compreender e aprofundar o conhecimento acerca de como os soropositivos de Pernambuco vivenciam os conflitos existentes no que diz respeito aos seus direitos e à realidade na qual estão inseridos. E nada mais apropriado do que a realização de um livro-reportagem nesse intuito. Lima (1993) sustenta que essa prática acaba preenchendo o vazio deixado pelas publicações periódicas. Trata-se da questão da superficialidade e do extremo oportunismo com que se apresenta o trabalho da imprensa cotidiana. Atrelada ao fato em ocorrência, a imprensa luta contra o relógio, briga com a concorrência, praticando, em muitas ocasiões, o exercício de uma informação pública imprecisa, incompleta (LIMA, 1993, p. 32). O livro-reportagem é, diante dessa estrutura, fruto da inquietude do jornalista que tem algo mais profundo a dizer e não encontra espaço para fazer no seu âmbito regular de trabalho. Esse jornalista busca realizar um feito que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade.

Constata-se, com isso, que é visando uma narrativa ampliada e com aprofundamento que o jornalista se propõe a produzir um livro-reportagem. Para Lima (1993), a profundidade pode se dar horizontalmente (sentido extensivo), verticalmente (sentido intensivo) ou numa mescla de ambos. No primeiro caso, esse aprofundamento é extensivo (ou horizontal), quando o leitor é brindado com dados, números, informações, detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema. Já no segundo caso, o aprofundamento é intensivo (ou vertical), quando o leitor é alimentado de informações que lhe possibilitam aumentar qualitativamente o seu conhecimento. E visando atingir tais perspectivas narrativas, foi que se buscou realizar o livro-reportagem “Ser PositHIVO: relatos da aids em Pernambuco”.

1.2 JUSTIFICATIVA

A proposta da realização do livro-reportagem discutido aqui se justifica não só como uma prática jornalística desafiadora, mas também por não haver muitas discussões, em formatos de produção midiática, que enfoquem o assunto HIV/aids de uma forma mais aprofundada e com histórias de interesse humano de fato. Há muitos trabalhos isolados, reportagens especiais no dia mundial de luta contra a aids (1º de dezembro, diga-se de

passagem), mas não uma produção que busque, especificamente nos diversos tipos humanos e nas necessidades deles, discutir os anseios das pessoas positivas para o HIV em Pernambuco. Visando preencher essa lacuna, a principal proposta editorial do livro-reportagem, discutido neste relatório, é mostrar às pessoas que a aids e o HIV são uma realidade que não pode ser negligenciada. Além disso, busca-se, por meio desta produção jornalística, destacar a necessidade de combate ao preconceito com relação aos que têm a sorologia positiva para o HIV, evidenciando, por meio da vida deles, como deve ser o atendimento aos direitos que eles possuem.

1.3 OBJETIVO GERAL

- Realizar um livro-reportagem sobre as pessoas que vivem com HIV em Pernambuco.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Possibilitar a circulação de um produto jornalístico para contribuir na discussão sobre as pessoas vivendo com HIV/aids no estado de Pernambuco.
- Evidenciar, por meio dos relatos de quem vive com HIV positivo em Pernambuco, ações em prol das pessoas que soropositivas.
- Destacar a necessidade de políticas públicas que atendam as particularidades de pessoas HIV positivas em Pernambuco.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Os procedimentos adotados neste trabalho buscam uma estruturação para obter um produto jornalístico coerente com os preceitos e os objetivos aqui estabelecidos. Nesse sentido, as reportagens do livro foram trabalhadas e, conforme o projeto exposto, configuraram-se assim:

Parte 1 – “E o sofrimento? Se fará valer...”

Capítulo 1 – “Veja bem, ninguém é mais que ninguém...”

Nessa parte, há histórias de uma mulher e de duas travestis residentes no Recife para expor a vida, os anseios e as necessidades delas, desde quando contraíram o vírus HIV. Por meio desses relatos, problematiza-se a respeito do estigma, preconceito e direitos

negligenciados das pessoas que vivem com HIV/aids em Pernambuco. Dessa maneira, o capítulo conta com as seguintes discussões:

- Vida de Nance Ferreira dialogando sobre a negligência por parte da família do ex-companheiro que a infectou, além da ênfase para o fato de ela não poder frequentar uma Igreja e ter o direito de liberdade de culto efetivado.

- Trajetória de Michele Lins e o destaque para a busca dela em ter uma vida econômica melhor com o direito ao benefício da Previdência Social garantido.

- Relatos da vida de Cláudia Morena e os seus anseios para a consolidação de uma estrutura familiar e sentimental.

Parte 2 – “Se viver é resistir, então será...”

Capítulo 2 – “Apesar de todo o sofrimento, negam-se a chorar...”

Na parte e no capítulo em destaque, constam a luta de um homem, coordenador de uma ONG na cidade do Recife, por apoio aos soropositivos vulneráveis social e afetivamente e a análise da efetivação desse suporte ao longo de sua vivência. Também há o destaque para as vidas de duas pessoas, em Pernambuco, que buscaram ter filhos depois da positividade para o vírus HIV e a discussão sobre como é constituir uma família sendo soropositivo. Nesse sentido, existe a seguinte configuração:

- Wladimir Reis com a sua vida e a busca para ajudar os que, assim como ele, sofrem com negligência diante dos problemas sociais e de ser HIV positivo.

- História de Luzia Cecília, uma mulher do interior pernambucano que buscou constituir família, mesmo diante das dificuldades de se ter o vírus HIV em seu organismo.

- Relatos de André Schebba, um homem residente no Recife que lutou para consolidar sua família, mesmo com o HIV em seu organismo e as dificuldades e as frustrações que a vida proporcionou a ele.

Parte 3 – “Quantos você já foi? Por trás de quem se esconde...”

Capítulo 3 – “Somos quem podemos ser...”

Nessa parte, há a intenção de traçar uma análise geral dos HIV positivos em Pernambuco para situar e verificar como se deu a epidemia HIV/aids no estado. O capítulo possui um traçado sobre a doença no país, chegando depois à realidade pernambucana.

CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LIVRO-REPORTAGEM

Suspeito que a visão de Walzer, do crítico ligado ao cidadão, é simpática para muitos de nós. Gostaríamos de ser mais do que vozes da academia. Seria compensador falarmos para e com os nossos concidadãos sobre questões urgentes que envolvem os media e a esfera pública, e são cada vez mais. (...) A saída mais fácil é definir a própria universidade como uma “esfera pública crítica” e assim o local próprio para actos de crítica social (...). (ROSEN, 2003, p.34)

Uma das cobranças da sociedade para a atuação do jornalismo e da universidade é essa necessidade de articular as problemáticas sociais e a crítica a respeito delas. A declaração acima de Rosen (2003) evidencia que tal articulação deve nortear os trabalhos de quem faz parte do espaço acadêmico, bem como do campo midiático. Rolando (2011) revela que quem lida com a experiência relacional entre instituições e cidadãos – em escritórios que, com diferentes títulos, comunicam e informam – age em ambientes que, quase sempre, têm passado por diferentes percepções quanto à missão e a diferentes condições relacionadas com as funções das organizações. Por isso, não é de se estranhar a existência de uma grande quantidade de trabalhos acadêmicos e midiáticos com demandas sociais. Dessa maneira, compromisso que se impõe ao jornalista, quando realiza um livro-reportagem, não é só o do mesmo desfecho encontrado nas páginas dos jornais ou livros de história, ele também determina a própria maneira de contar. De acordo com Ramos (2010), ainda que o formato livro propicie e solicite maior profundidade, com atenção à complexidade dos fatos, com humanização do relato, esmero da forma, maior diálogo com outros gêneros, esse tipo de narrativa deve basicamente responder aos mesmos princípios da reportagem, sob o risco de perder a credibilidade, que é um dos seus atrativos.

Lima (1993) enfatiza que, com a atual conjuntura da indústria midiática, as grandes reportagens estão cada vez mais relegadas a uma ilha dentro do jornalismo diário, e mesmo nos jornais semanais e nas revistas. Elas se atrofiam em função das grandes massas de informações que são resolvidas pelas fórmulas das notícias mais tradicionais, que são as pirâmides invertidas. Sendo assim, o novo jornalismo legitima-se ao se aproximar da realidade para acompanhar o cotidiano das pessoas, ou o passo a passo das situações que pretende retratar. Para tanto, vale-se da capacidade de discernir a dureza do real, que o ser humano só suporta se transformá-lo em ficção. Considerando os textos narrados pelos jornalistas produtos literários, eles possibilitam a apreensão do real como um romance. Não

dessas ficções em que há um enredo com começo, meio e fim. Mas buscam na construção literária artifícios para segurar o leitor diante de histórias duras, difíceis de serem expostas e pensadas apenas com dados e números. Claro, há recursos utilizados que fogem à perspectiva do que seja verdadeiro e real. Mesmo assim, concordando com o que Lima (1990) acredita, os gêneros literários e jornalísticos não excluem nem a verdade, nem o bem, nem a história, nem a autobiografia, nem a filosofia, nem as ciências, nada. Tudo é literatura, desde que no seu meio de expressão – a palavra – exista uma acentuação, uma ênfase no próprio meio de expressão, que é seu valor de beleza. Para o autor, a palavra, como natureza, é um simples instrumento de comunicação; como arte, é um meio de transmissão com caráter de fim. É a arte da palavra, é literatura.

Com isso, o jornalismo absorve elementos do fazer literário, mas transforma-os, dá-lhes um aproveitamento direcionado a outro fim. Conforme Lima (1993), a literatura está basicamente interessada na escrita e, mesmo quando representa o real, a factualidade concreta não é o item primordial. A tarefa de sair em busca do real para retratá-lo é a missão que o jornalismo exige das formas que passa a importar da literatura, adaptando-as e transformando-as. No livro-reportagem, o método é basicamente o que faz parte do jornalismo diário: ter conhecimento sobre os fatos, ir aos locais onde as informações podem ser obtidas, conversar com as pessoas que sofrem as consequências desses fatos e contar tudo, procurando respeitar a dor das pessoas e o que se ouviu e viu junto com elas. Depois, para escrever, o jornalista se inquieta um pouco, pois a leitura de relatos difíceis traz o peso da responsabilidade que recai sobre um narrador ao escutar histórias, transbordando dor e sofrimento. Quem se dispõe a escutar, precisa ter a consciência de que assume o compromisso de traduzir, de passar adiante o que ouviu, viu e o que as pessoas sentiram – e também o que sentiu. Desse modo, deve-se mostrar a capacidade de concisão e a sensibilidade para identificar a angústia e o sentimento das pessoas, desde a sensação do fim até a reconstrução das próprias vidas. Tem de ser um relato forte, sem concessões e, ao mesmo tempo, desprovido de sensacionalismo. O livro-reportagem, então, dialoga com distintos pontos acerca de uma temática, visando propiciar um maior entendimento e apontar como devem ser articuladas ações em favor do ser humano, de suas necessidades pessoais, sociais, de saúde etc.

Nesse sentido, nota-se que no livro-reportagem é preciso documentar a narrativa e que os acontecimentos podem ser expostos por meio das chamadas “ficções úteis”. Como define Iser (2002), são aquelas que desempenham um papel importante nas atividades do conhecimento, da ação, do comportamento e no estabelecimento de instituições, de

sociedades e de visões de mundo. Além disso, visando humanizar o trabalho, pode-se explorar no livro-reportagem a técnica de narrativização. Esta diz respeito, de acordo com Sato (2005), ao desenvolvimento de um tema a partir de uma figura ou personagem. Daí, ao se utilizar de termos adjetivados, juízos de valor e diálogos, nota-se características de um romance no livro-reportagem. Mesmo possuindo essas características, as obras escritas por jornalistas possuem as técnicas da reportagem como pressuposto maior: nunca se desvinculam de princípios formais previamente estabelecidos pelo jornalismo. Conforme destaca Catalão Júnior (2010), o repórter se diferencia do romancista na medida em que seu objetivo principal não é oferecer ao leitor uma representação literária da linguagem, mas uma determinada compreensão da realidade. E, para o autor, o interesse prioritário do jornalista não se dirige às estruturas que subjazem a tal realidade, mas sim aos acontecimentos por meio dos quais ela é percebida e pode ser apreendida. Bianchin (1997) entende que a aparente rejeição à literariedade, à ficção, não é uma opção gratuita feita, mas passa a ser uma exigência a partir do momento em que, como jornalista, se propõe a ser fiel aos fatos ou, pelo menos, a contá-los como foram vistos e percebidos.

Marcadas por um tom de denúncia, as obras escritas pelos jornalistas também contribuem para se entender não apenas como acontecimentos indignos podem ser realizados pelos homens, mas também apontar negativamente esse tipo de atitude e desvinculá-la de uma ação condizente com a perspectiva social. Afinal, sendo jornalistas, o interesse público deve nortear a perspectiva e a postura profissional dos autores, acima de qualquer posicionamento, seja político, ideológico ou cultural. Desse modo, Cosson (2005) apresenta duas leituras distintas para uma produção jornalística como o romance-reportagem: a primeira não reconhece a apropriação dos traços literários e diz que, de literário, ele teria apenas a forma do livro e uma referência confusa (misturada aos traços da reportagem) ao modelo naturalista de romance; a segunda, aceita o caráter literário, porém, apoiada em um conceito experimental e vanguardista de literatura. Para superar essas leituras parciais, o autor revela que deve se considerar o romance-reportagem como um gênero autônomo. Com isso, ele pode e deve ser lido através de sua própria constituição e não dos gêneros que unifica e transforma, como indica a sua denominação. O pesquisador enfatiza ainda que, na efetivação dessa leitura, é preciso compreender que a verdade factual não é um simples empréstimo da reportagem, mas sim a marca de sua dimensão semântica. Assim, muito menos a denúncia social pode ser atribuída somente a uma questão conjuntural, mas também à marca de sua dimensão pragmática.

O livro-reportagem revela, então, nuances que vão além da perspectiva midiática. Como jornalística, a obra é escrita a partir de dados e fatos, não de elementos da imaginação. Ela adentra, ainda, o campo da narrativa histórica ao se utilizar e buscar como fonte a documentação oficial. Porém, como obra jornalística e literária, falta uma maior ênfase na análise das estruturas e dos contextos – o que Burke (1992) aponta como uma falta de contribuição dos jornalistas com seus romances de não-ficção para a narrativa histórica. Mesmo assim, o historiador destaca que essas obras são válidas como um auxílio do jornalismo à história, por propiciar o conhecimento de inúmeros fatos e acontecimentos vivenciados pela humanidade ao longo dos anos. Ao trazer à tona os conflitos e anseios existentes nas vidas de pessoas, o livro-reportagem pode abarcar também uma mistura de técnicas narrativas, indo desde a linguagem com tom de ficção e dramatização dos acontecimentos a dados estatísticos e análises documentais dos fatos. Dessa maneira, há na linguagem do livro-reportagem uma característica, como argumenta Fontana (2009), de transparência do narrador, que observa e comunica, mas que também revela suas percepções e sua perplexidade diante dos fatos e, transformando seu testemunho em narrativa, provoca o leitor a olhar a realidade a partir de outras perspectivas que não só de dados e números. É como se buscasse mostrar que a denúncia e o horror diante dos acontecimentos e desrespeitos são formas naturais de reação e, com isso, o sentimento do narrador e de cada um se faz presente quando se constrói a narrativa, seja ela de cunho ficcional, jornalístico ou documental. No caso do livro-reportagem enfatizado aqui neste relatório, esses fatos podem ser entendidos como parte da realidade que se quer contar e fazem parte da busca de se entender o universo de quem vivencia a perspectiva de ter um vírus no organismo que reflete não só uma questão de saúde, mas também de conflitos sociais diante da estigmatização e do preconceito advindos por causa da positividade para o HIV.

2.2 AIDS E JORNALISMO

Sousa (2004) assinala que o processo jornalístico é realizado por meio da transformação de acontecimentos, ideias e problemáticas em notícias e de difusão pública destas últimas. Em termos práticos, como releva Chaparro (1994), é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis, ou seja, fazeres combinados com intenções que alteram o cotidiano de pessoas ou de populações inteiras. Por isso, ao pensar sua relação com aspectos comuns à sociedade, deve-se considerar que seu fazer resulta em tomadas de

decisão e ações ligadas aos avanços e ao progresso de comunidades, regiões, enfim, de todo o organismo social. Essa perspectiva assinala que também deve existir a preocupação em realizar uma prática jornalística comprometida com as necessidades sociais, priorizando o exercício consciente da cidadania. Assim sendo, a aids, dos importantes temas da contemporaneidade, sempre se coloca como objeto de pesquisa e de discussão, nas mais diversas áreas do conhecimento, devido às implicações culturais e sociais que envolvem o tema. Desse modo, consoante Carvalho (2009), a mídia, na contemporaneidade, constitui-se como um dos mais poderosos instrumentos de construção de conceitos e de criação de valores e sentidos humanos, configurando-se como uma moldura de performances sociais. Com isso, articulam negociações com os conjuntos da sociedade, especialmente em situações que envolvem temas polêmicos.

Nesse sentido, Cascais (2001) revela que, ligada às mais variadas e possíveis esferas da vida humana, as atividades jornalísticas têm, desde a década de 1980, apresentado contornos que lhes atribuem um compromisso direto com a promoção da cidadania e com o desenvolvimento. Mas até que ponto os jornalistas conseguem discutir coerentemente um assunto como a aids? Fausto Neto (1999) argumenta que o tema da doença se constitui uma questão de referência. De um lado, porque ele é semantizado pelas mais diferentes instituições contemporâneas, produtoras de conhecimentos e de comportamentos. Do outro lado, pelo fato de sua compreensão semântica ter se instituído ao mesmo tempo em que as instituições construía estratégias para enunciá-la. No caso da aids, as narrativas jornalísticas se constituíram e ainda se constituem lugares privilegiados para a percepção das estratégias que os diversos atores sociais adotam para se posicionarem diante do tema. Especificamente no caso de campanhas de prevenção na mídia, Medina (2011) destaca que os procedimentos adotados por médicos infectologistas e comunicadores partem de uma linguagem autoritária que, muitas vezes, não causam efeitos concretos no público. De fato, a linguagem midiática se utiliza constantemente de um discurso de poder. Charaudeau (2006) define que é uma palavra imposta como autoridade, que procede de uma posição de supremacia ou de posição acima das massas. Essa autoridade confere sentido à ação social, servindo-lhe de guia e fundamentando sua potência. Ou seja, torna-se significativo para quem se identifica e, ao mesmo tempo, adere a sua intenção.

A mídia possibilita também recursos para os indivíduos enxergarem nexos no mundo social. Kellner (2001) relata que são meios para falar de experiências, discursos e práticas de instituições e relações sociais que ajudam o indivíduo a entender seu mundo. Justamente com

o intuito de enxergar, compreender e divulgar uma determinada realidade – como a discutida aqui, das pessoas que vivem com HIV/aids em Pernambuco – é que um projeto jornalístico de livro-reportagem deve ser arquitetado, uma vez que os produtos midiáticos são intencionalmente produzidos e particularmente recebidos. Como afirma Thompson (2005), as condições de recepção e apropriação dos conteúdos são situadas. Ou seja, um ativo processo de construção de significados, que se realiza de forma particular em certos contextos sócio-históricos. Dessa maneira, a mídia se realiza como dispositivo de construção de um mundo comum, na medida em que o alcance temporal e espacial de sua visibilidade se efetiva como recepção. Por isso, a comunicação propicia o relacionamento, a diversidade discursiva e a apropriação de sentidos, através do embate ou da integração, por parte dos indivíduos na realidade de suas vidas cotidianas.

Ao se utilizar de um livro-reportagem para discutir a vida dos soropositivos, tem-se a intenção de transpor os limites institucionais e disseminar informações que vão além da organização jornalística, buscando conscientizar as pessoas sobre ações em defesa dos direitos dos portadores do vírus HIV e a necessidade de prevenção da infecção. Lima (1990) enfatiza que, para o jornalista, o sentimento, a objetividade e a especulação filosófica não podem, evidentemente, estar ausentes do discurso, pois o homem é sempre um todo. O autor categoriza ainda que o jornalista autêntico tem o dever de não fornecer ao público o ópio que ele pede e, sim, a verdade de que ele sempre precisa. Com a possibilidade de integrar a sociedade às necessidades dos portadores do HIV, bem como às questões relacionadas aos direitos humanos e à cidadania, o produto jornalístico deve procurar se legitimar.

Além disso, o que se tem de tomar como nota é a busca por construir uma narrativa alicerçada não apenas na profundidade de que a temática HIV/aids necessita, mas também nos recursos estilísticos que tornem os conflitos, os anseios e a vida dos soropositivos expostos menos sensacionalistas e mais singelos e humanizados. Essa perspectiva releva que, no caso específico do jornalismo, como afirma Guedes (2007), dentro e fora da imprensa, os escritores jornalistas muitas vezes buscam na alegoria um recurso para narrar suas histórias. Com isso, intentam disfarçar os fatos que querem contar, concedendo ao leitor a possibilidade de acessar as informações nas entrelinhas do texto. Mas esses fatos não são instituídos assim aleatoriamente: há sempre um posicionamento acerca deles. Gregolin (2003) relata que a coerência visível em cada texto é efeito da construção discursiva, e o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios das teias de sentidos que invadem o campo do real social. Desse modo, o efeito de coerência e unidade do sentido é construído por agenciamentos discursivos dos

enunciadores, que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão.

O que os textos oferecem, então, não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação do que seja real. Jornalistas, quando buscam nessas formas simbólicas os meios para narrar os acontecimentos, tornam-se uma espécie de instrumento facilitador e tradutor dos fatos para quem consome os seus produtos. Seja num livro-reportagem, num jornal ou ainda em uma tradução documental, a necessidade de quem narra o acontecimento é fazer com o que o leitor possa entender e decifrar o que está sendo exposto. Isso pode ser realizado de diversos modos e com distintos procedimentos, mas sempre buscando atingir o objetivo principal: transformar o que se ouve ou lê em uma narrativa propícia ao entendimento do outro, quer para si próprio ou para o próximo. Ou seja, entender e compreender uma realidade a fim de transformá-la em um produto que dê visibilidade para as questões existentes nela. Barbosa (2004) destaca que, uma vez produzido no interior de uma prática que se pauta pelo emprego de estratégias de manipulação do real e pelo sensacionalismo, o acontecimento é, antes de tudo, produto de uma montagem e de escolhas orientadas de imagem, que lhe garantem o efeito de acontecência – a impressão do vivido mais próximo daqueles que o vivem. Sendo um produto dos meios de comunicação, esse novo acontecimento é projetado, lançado e oferecido ao público sob a forma de espetáculo. Somado a isso, vem o fato de a mídia impor imediatamente o vivido como história.

Diante dessa perspectiva, a mídia se torna, para as massas, a forma mais moderna, senão a única, de viver a história de cada um. Não é à toa o sucesso dos livros lançados por jornalistas. Além do modo como se escreve, midiaticizado e romanceado, o mérito dessas obras é dado em grande parte por ser um produto escrito por alguém que faz parte da mídia, já que ela é referência para a sociedade contemporânea. Como define Gregolin (2003), os trajetos simbólicos, construtores do imaginário social, dependem de um diálogo entre sujeitos, entre enunciadores (aqueles que fazem circular concepções de mundo) e enunciatários (que as interpretam, reconhecendo-as ou não). Nesses trajetos, por meio dos múltiplos imaginários, traduzem-se visões de mundo que coexistem, superpõem-se ou se excluem enquanto forças reguladoras do cotidiano. Assim, o real é sobredeterminado pelo imaginário e, nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos.

Nesse cenário, uma representação considerada eficiente deve dizer tudo o que se

precisa saber para o objetivo de cada um, sem perder tempo com aquilo que é dispensável. Como todos esperam que os artefatos utilizados nas representações devam ser adequados aos propósitos que almejam, produtores e usuários de representações realizam várias operações sobre a realidade que experimentam para compreender o que gostariam de comunicar. Dessa maneira, Becker (2009) argumenta que os pesquisadores efetuam determinadas transformações de acordo com modos padronizados, “empregando instrumentos típicos para a realização de operações típicas sobre materiais típicos e relatar os resultados por meio de formas padronizadas”. Tais formas são destinadas a dar aos usuários aquilo de que eles precisam para julgar as ideias apresentadas, sem sobrecarregá-los com outros materiais de que não necessitam. O que precisam é estabelecido por convenção. No entanto, em alguns mundos, a representação deixa o universo interno dos produtores, especialistas e conhecedores e penetra na vida dos leigos. Assim, aquilo que os usuários fazem dos objetos pode ser consideravelmente diferente do que os produtores pretendiam representar (BECKER, 2009, p. 31). Isso pode ser constatado no desenvolvimento do livro-reportagem discutido neste relatório, uma vez que, mesmo por meio da padronização existente na prática jornalística, há a busca por discussões especializadas a partir das histórias de vida de pessoas que não são necessariamente especialistas ou estudiosos na temática HIV/aids, mas apenas vivenciam-na de forma prática e concreta.

Constata-se, com essas ênfases, que os diferentes mundos simbólicos, vivenciados pelos seres humanos, podem estruturar diferentes perspectivas do mundo e formas práticas de lidar com ele. Por exemplo, os cultos, os rituais, as práticas cotidianas, os procedimentos, as instituições, as técnicas manuais, científicas e estéticas. Habermas (2003) acredita que, nesse processo, a tendência conceitualizadora que visa à generalização e à distinção opõe-se à tendência de isolar e esculpir certas impressões numa imagem simbólica. Essas perspectivas e mundos simbólicos, tais como do mito ou da comunicação do dia a dia, resultam de um jogo convergente de processos opostos. Ao mesmo tempo, eles surgem, quer seja da produção de sentido plástico, quer seja da exploração lógica de um universo de experiência, coeso e dividido em categorias. No processo de simbolização, entrelaçam-se dois processos que geram sentido: o primeiro tende à expressão; e o outro, ao conceito (HABERMAS, 2003, p.89). Nem sempre há um equilíbrio estabelecido entre essas tendências ou formas simbólicas: onde há uma tendência de se fixar a impressão de algo numa imagem, como é o caso dos mitos, existe o predomínio da função expressiva; já quando a tendência categorizadora se impõe como abstração articuladora, tem-se predomínio da função de

articulador, a exemplo dos relatos da ciência. Porém, se as duas tendências se equilibram – como no mundo cotidiano e da arte – o primeiro plano acaba sendo ocupado pela função representadora.

Como argumenta Bourdieu (1997), existem dois polos para o campo jornalístico: um, que é considerado ideológico e positivo; o outro, de cunho econômico e negativo, pois trata o produto jornalístico (a notícia) como um negócio e uma mercadoria, que alimenta o desenvolvimento de companhias altamente lucrativas. Para tanto, os jornalistas partilham estruturas invisíveis (“óculos”) através das quais veem certas coisas, e não veem outras. O jornalismo se torna, então, detentor de uma parte seletiva da realidade e os membros, dessa comunidade profissional, partilham não só de uma maneira de ver, mas também de agir e de falar – o “jornalês”. O que se deve pretender no desenvolvimento do produto jornalístico sobre HIV/aids é destoar um pouco disso, mostrando que é uma temática que necessita ser problematizada e posta em evidência com uma produção jornalística de interesse público de fato. Por ser um assunto de interesse público, é preciso que exista uma preocupação e esforços para que ele possa estar em discussão e em pauta cotidianamente. E que esteja em evidência de modo condizente com as necessidades daqueles que vivenciam, realmente, a problemática de discriminações, negligências e lutas, por terem a sorologia positiva – e nada mais apropriado do que destacar a vida dos que passam por isso.

2.3 PRÁTICA JORNALÍSTICA PARA OS HIV POSITIVOS

A intenção de realizar um produto jornalístico, para mostrar a vida e a luta dos soropositivos no combate ao preconceito e na busca por viver da melhor forma possível, encontra respaldo também no jornalismo cívico. Por desafiar as noções mais tradicionais do jornalismo, Eksterowicz, Roberts e Clark (2003) revelam que a prática desse tipo de jornalismo representa uma tentativa de ligar os jornalistas às comunidades no interior das quais operam, colocando a distribuição dos cidadãos no centro das preocupações jornalísticas. Alargando esse sentido, por sua vez, Duarte (2009) argumenta que a comunicação é hoje o ponto de partida e de encontro para o processo de reaprendizado da cidadania. A atitude cidadã implica em mobilização, cooperação e formação de vínculos de corresponsabilidade para com os interesses coletivos. As regras das lutas pela inclusão, nesse enfoque, são as expectativas e opiniões conflitantes e não o consenso de vontades.

Diante da evolução tecnológica e informacional, percebe-se a ampliação dessa

perspectiva e a necessidade de garantir uma comunicação plural e mais aberta aos cidadãos se torna uma das premissas existentes no cotidiano midiático. É uma nova configuração no processo da comunicação social, não só por meio dos avanços tecnológicos e técnicos existentes, mas também por conta da busca em atender a uma demanda cada vez mais voltada para os interesses dos cidadãos, buscando dar vozes às pessoas e extirpar estigmas que são, cada vez mais, perpetuados por uma sociedade marcada pelo sectarismo. Com isso, a visibilidade que os interesses sociais precisam ter pode ser dada através do livro-reportagem, um produto que possui a necessidade de aprofundamento para temas fundamentais discutidos na sociedade. Para tanto, conforme Vilas Boas (2002), busca-se perceber as perplexidades do sujeito narrado e especular intimamente sobre o quanto de si pode estar contido na história do outro, pensando sempre como se abarcar a realidade e os acontecimentos dessa história. Mas, enfatizando o que afirma Reis (1993), pensar não se restringe a encontrar respostas. O pensamento desenvolvido constantemente adia a dissolução de seus problemas, a sua solução. Pensar é perguntar continuamente, transformar possíveis soluções em novos enigmas, problematizar um objeto demarcado, criar hipóteses e testá-las. Depois, articular um discurso sobre esse objeto em uma linguagem clara e comunicável, debatendo-o publicamente e percebendo-o em suas mudanças no tempo.

Quando se trata da temática HIV/aids, nota-se um posicionamento bem estruturado e categorizado na cobertura: as notícias e as reportagens expõem basicamente dados de fontes oficiais e argumentos mais reativos, sem incentivos para pautas singulares e com aprofundamento. No entanto, o que se observa numa cobertura jornalística com profundidade é, como Traquina (2001) destaca, um jornalismo ativo, como uma transformação nas prioridades dos jornalistas ao elaborarem uma reportagem. O foco da notícia seria, assim, o interesse do cidadão comum, dos grupos que lutam por direitos e não apenas os interesses dos políticos e dos grupos detentores do poder econômico. Dessa maneira, no projeto de um produto jornalístico mais aprofundado, há posicionamentos distintos daqueles que normalmente estão presentes na mídia: fontes e histórias de vidas mais humanizadas, menos sensacionalistas e com ênfase para os direitos e necessidades daqueles que vivenciam conflitos. Mas esses tipos de trabalhos são casos pontuais e que, quando se trata de discutir o tema HIV/aids, muitas vezes só estão em evidência por causa de eventos específicos ou por denúncias.

Então, por que a imprensa não pode abarcar cotidianamente uma perspectiva mais aprofundada com relação à discussão sobre o vírus HIV e a aids? Lima (1993) sustenta que

certos temas não agradam ao veículo cotidiano de imprensa, por razões editoriais, tais como o eventual pequeno interesse de sua audiência por um tratamento em profundidade de certas temáticas, ou a carência de um nível de especialização, por parte do veículo, que não justifique uma abordagem verticalizada. Porém, como defende Lima (1993), é possível informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. E efetivamente não é o que se tem observado na cobertura jornalística sobre a problemática e complexidade HIV/aids. Isso pode ser constatado numa rápida análise dos títulos das matérias que saem cotidianamente na imprensa, tais como “Próximos cinco anos serão cruciais para evitar rebote da epidemia de aids” (Jornal do Commercio, 24/06/2015), “Pesquisa apresenta resultado otimista sobre vírus da aids resistente a retrovirais” (Diário de Pernambuco, 08/04/2015), “Usuários de crack mais vulneráveis a contrair vírus da aids: Pesquisa mostra que, no Recife, 5,3% dos usuários possuem HIV” (Jornal do Commercio, 12/01/2013) e “Incidência de aids em prisões reforça campanha contra maioria penal” (Diário de Pernambuco, 23/06/2015). Esses títulos revelam que o tema HIV/aids é tratado pela grande mídia, essencialmente, como algo alarmista, partindo de *releases* das assessorias de imprensa, e não necessariamente de modo plural, com diversidade de fontes e argumentos sólidos a respeito do assunto.

Destoando desse enfoque, há de se ter a intenção de retratar e investigar ações em prol dos HIV positivos, bem como de denunciar os possíveis abusos aos direitos humanos cometidos pela sociedade e negligências por parte dos governantes. Os radicalismos podem ultrapassar os limites da cidadania e, se não for o interesse de publicização, talvez tais acontecimentos continuem desconhecidos e muitas atitudes, que violam os direitos humanos e a cidadania durante décadas, ficam escondidas. Por isso, a necessidade de destacar os relatos das pessoas que vivem com HIV/aids ao longo das narrativas jornalísticas. São vozes que devem contextualizar as informações, enquanto elas se desenrolam, evidenciando a mistura de métodos e técnicas de escrita, mas em tons denunciante. Esses dados não devem estar nos textos gratuitamente. De caráter questionador, bem ao estilo da prática jornalística, eles têm de remeter a elementos que estão presentes na ação dos personagens e direcionam a narrativa. Como um romance, é preciso subir os degraus para poder entender o que cada passo representa – fato que aguça no leitor o desejo de ir até o final do enredo e acaba por prendê-lo

nessa interação leitor-enredo. Assim, utiliza-se de artefatos da trama literária, ao mesmo tempo em que expõe os fatos e acontecimentos.

Partindo do que se ouve sobre a temática, deve-se buscar criar cenas tipicamente literárias para poder expor a luta daqueles que vivenciam a aids e o HIV. Ao saber dos fatos pelos relatos dos que presenciam os acontecimentos, deve-se tentar narrar o que se ouve por meio de descrições, de detalhes e com um tom de inconformismo. Este dá a tônica da visão de mundo do narrador para com os abusos da sociedade e das autoridades existentes nos momentos de luta e vida de cada um, como se enfatizasse: “arbitrariedades não devem mais acontecer. Vejam quanto sofrimento e abuso em nome de um preconceito inescrupuloso. Essas pessoas são destratadas e lutam para coibir isso, mas os resquícios desses atos podem ser sentidos em todos”. Ao focar os personagens, o objetivo deve ser partir de histórias individuais para aludir ao geral. Construir uma base para o fato principal, que une a vida das pessoas: no caso dos soropositivos, o HIV e a aids. Dessa maneira, direciona-se a narrativa para os indivíduos destacados, cada um com suas singularidades – vida, passado, história. Os personagens são, assim, fragmentos que remetem à totalidade. E, de alguma maneira, representam outras milhares de pessoas que passam pelas mesmas situações. Essa estratégia coloca o leitor no lugar do personagem, possibilitando a sensação de vivência daquela realidade. Observa-se ainda que, durante a estruturação dessa perspectiva no texto, o narrador deve intercalar sua própria narração com a fala dos personagens no momento exato em que o fato retratado se passa – o que dá legitimidade à narração do autor, pois evidencia que suas fontes de informações são os próprios protagonistas dos fatos. Essa nuance leva a perceber que o relato das sensações, medos, pensamentos e dores vivenciados pelos personagens não são deduções ou criações de quem escreve o texto, mas a descrição em terceira pessoa daquilo que foi relatado ao repórter pelos próprios protagonistas. Nota-se, então, que os artifícios da literatura podem ser explorados, propiciando relatos mais dramáticos para os acontecimentos e a narrativa jornalística.

No entanto, deve ser perceptível numa prática jornalística aprofundada, mesmo com elementos e técnicas ficcionais, a preocupação em contribuir denunciando as negligências e as lutas existentes nas vidas dos HIV positivos e a necessidade do exercício da cidadania. Ainda há que se destacar que a descrição de detalhes deve fugir do sentimentalismo – os fatos já são suficientes para isso, destacando o papel do jornalismo, ao tratar de assuntos difíceis e duros, como um espaço apropriado para a emoção humana. A fim de situar o leitor sobre o ambiente e incentivá-lo a vivenciar o que os personagens passam, podem ser buscados vários elementos

da literatura: as descrições das vidas permitem uma visão do núcleo dos acontecimentos, partindo de dentro para fora, com os desdobramentos. Não se trata de termos técnicos sobre como é viver com HIV/aids, a epidemia não tem de ser utilizada como o centro dos acontecimentos, mas sim uma retratação do sofrimento e da luta de pessoas que, apesar de esperarem o pior, nunca conseguiriam explicar, em palavras, claramente os efeitos destrutivos da natureza humana sobre si mesmas e como enfrentam isso em busca de viver a vida que querem, como qualquer um. Então, utilizando-se da narrativa (seja com traços literários, documentais ou jornalísticos), vai se traduzindo em palavras o que é, ou como foi, a vida dessas pessoas em seus diversos momentos.

Dentro dessa perspectiva, pode haver em uma produção jornalística aprofundada sobre o tema HIV/aids, por exemplo, a falta de imparcialidade tão apregoada pelo campo do jornalismo diário. A obrigação de ouvir ao menos duas fontes, para contar a história a respeito de um mesmo acontecimento, pode não estar numa grande reportagem. Há na narrativa a possibilidade de ser toda articulada pela visão dos que vivem com o vírus da aids – o que evidencia um caráter literário e de história oral para a prática jornalística. Há ainda outros aspectos que se destacam nessa perspectiva jornalística: um caráter, até mesmo, documental nos textos, uma vez que neles há de se ter dados oficiais do que acontece durante as distintas épocas da epidemia HIV/aids. Por outro lado, ao humanizar os personagens e utilizar a técnica de narrativização nessa tarefa, busca-se prender o leitor à vida dos personagens. Quem lê é transplantado para a realidade dos momentos vivenciados por eles e entra naqueles universos imediatamente. É como se dissesse: "Veja! Essa pessoa perde direitos por causa de preconceito! Essa outra teve sua vida completamente mudada por negligências governamentais e passa dificuldades! O que você sentiria se estivesse no lugar delas?".

Com isso, as vidas expostas ficam próximas do cotidiano dos leitores e eles podem senti-las. Desde os primeiros trechos, então, os personagens podem ser apresentados. Mas suas histórias não devem ser contadas necessariamente de modo sequencial, sendo intercaladas por distintas discussões. Assim, abarca-se nos textos uma deformação temporal, o efeito criado é tão múltiplo quanto os vários modos que a narração é disposta, sendo a alternância uma característica primordial. Nessa situação, explica-se o que cada um dos personagens é ou busca. Depois, pode se trazer dados sobre o que eles relatam, retomando novamente as falas deles, dizendo um pouco da história e narrando o que lhe acontece até o momento em que a discussão vai se concretizando. Dessa maneira, apenas um pequeno trecho de um determinado personagem pode ser narrado e, então, existe uma pausa para a entrada de

outro trecho. A narrativa acaba prosseguindo, até conseguir enredar a história de cada um. Portanto, essa alternância constantemente é uma das técnicas que pode ser explorada numa produção jornalística aprofundada em prol dos HIV positivos.

Ao que parece, conforme sustenta Motta (2004), há uma exigência de composição da intriga em construir sentidos encadeados (contar histórias) em determinados textos jornalísticos, fazendo com que o autor introduza fatos que podem não corresponder à realidade. Para Ricouer (1994), imitar ou representar a ação é pré-compreender o que ocorre com o agir humano, com a sua semântica, com a sua simbólica, com a sua temporalidade. É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e a seu leitor, que se ergue a tessitura da intriga e, com ela, a mimética textual e literária. Nesse sentido, muita gente aposta em tramas literárias em muitos momentos de uma narrativa jornalística. Essa articulação, entre elementos jornalísticos, literários e documentais, faz com que a produção jornalística possa ser vista de diferentes modos por quem a lê. Em um momento, o leitor pode se deparar com uma escrita que reproduz um documento oficial ou arquivos sobre determinados acontecimentos ou perfis sociais. Num outro momento, quando se apontam, por exemplo, determinadas ações discriminatórias ou excludentes, utiliza-se de um texto que pode parecer saído de um romance. Motta (2004) afirma que no jornalismo há muitos textos híbridos, mesclando narração e descrição. Mesmo os fatos considerados duros, e expressos objetivamente para enxugar as subjetividades, estão impregnados de fragmentos narrativos. Os jornalistas não conseguem e nem pretendem se despojar de toda subjetividade – especialmente para realizar uma produção jornalística em prol de quem vive com HIV/aids.

Dessa forma, deve-se aproveitar da amplitude da narrativa jornalística e articular dados objetivos com outros de cunho opinativo e essencialmente subjetivos. Além de críticas à postura das autoridades e da sociedade, há de ter questionamentos acerca dos que lidam em instituições que não cumprem os seus papéis coerentemente. Quando se busca escrever sobre um tema tão caro à sociedade, não se deve ter em mente a intenção de ser um produto mercadológico, mas, sim, uma produção voltada aos anseios e aos diálogos acerca de uma realidade com a qual é difícil de conviver em muitos aspectos, trazendo problemáticas e traçando meios para a pacificação e resolução de conflitos que nem deveriam existir. A produção jornalística, como mediação com um mundo que se sente cada vez mais próximo e mais do ser humano, deve atender ética e esteticamente ao que requer uma nova humanidade em florescimento – justamente o que se pretende destacar em um projeto que envolva questões dos HIV positivos: uma forma de análise do cotidiano e das problemáticas de

peças que buscam o direito de viverem sua vida plenamente, independente de terem um vírus ainda incurável em seus organismos. Um produto jornalístico com essa perspectiva há de ser sempre ressaltado por sua busca em expor e divulgar histórias que a sociedade não deve cessar de conhecer, pois a necessidade de se abarcar a pluralidade dos seres humanos e de vivências tem de estar cada vez mais presente no cotidiano midiático, a fim de contemplar a função educacional e informacional que a mídia possui em sua essência.

CAPÍTULO 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

3.1 DEFINIÇÃO DO UNIVERSO E POPULAÇÃO DE INTERESSE

A imagem de quem vive com o vírus da aids traz uma relação da infecção pelo HIV com comportamentos desviantes da norma social, e a conseqüente divisão entre “vítimas” e “culpados”, o que contribui para o preconceito, estigmatização e discriminação de pessoas com sorologia positiva, ou com suspeita de ter esse diagnóstico. Por conta disso, como atesta Nascimento (2009), o estigma da doença é entrelaçado com uma motivação em manter “a identidade social positiva”, sendo esta perspectiva uma necessidade das pessoas não infectadas para se protegerem, como “saudáveis e não desviantes”, uma vez que distinguem os soropositivos como pessoas “não saudáveis e desviantes” – o que contribui para a negligência e falta de suporte aos portadores do vírus HIV, fazendo com que eles, muitas vezes, assumam para si posicionamentos existentes na sociedade e não, necessariamente, em suas individualidades.

As pessoas que vivem com aids precisam entender que as conquistas dos direitos para elas foram dadas por aqueles que se expuseram e lutaram ao longo de suas vidas. (...) A gente nem está pedindo mais. Só queremos continuar garantindo o que já conquistamos e não estamos conseguindo. (...) Queremos apenas propiciar uma vida digna para quem precisa. (REIS, W. C., 2015)

Com essas palavras, notam-se as necessidades que os soropositivos possuem e a luta que enfrentam na garantia de uma vida melhor. Os argumentos saíram de quem vivencia isso de fato: Wladimir Cardoso Reis, que tem hoje 54 anos de idade e vive 26 deles na luta em favor dos que, assim como ele, são HIV positivos. Ele coordena a primeira Organização Não-Governamental (ONG) formada somente por quem vive com HIV/aids no Nordeste brasileiro, o Grupo de Trabalhos em Prevenção Posithivo (GTP+), no Recife. Nesses pensamentos expostos, constatam-se os conflitos que podem existir quando as pessoas possuem a necessidade de preservar sua intimidade (por causa de preconceito e estigmatização social) e, ao mesmo tempo, ter de expô-la para que possam adquirir melhorias e direitos inerentes a suas condições. Sendo assim, até que ponto é preciso preservar a intimidade diante de negligências para essa pouplação? Como se garantir uma vida digna sem exposição por conta da segregação?

Silva (1998) e Beltrão (19__) concordam que, apesar de o direito à intimidade ser oponible a todos, independente de qualquer relação, o mesmo está sujeito a limitações, já que

não pode ser considerado tão absoluto que, em conjugação com outros direitos, não possa ser afastado ante a maior relevância de um último direito que protege a dignidade humana ou que atua em defesa do interesse público. E é nesse ponto que surge a necessidade de exposição dos soropositivos. Eles vivenciam diariamente a discriminação, que é apontada como resultado do estigma existente na sociedade. De acordo com Goffman (1982), essa discriminação consiste em ações ou omissões derivadas dos estigmas sociais e dirigidas para indivíduos que são estigmatizados, ou seja, é o estigma “posto em cena”. Tal discriminação ainda sustenta qualquer medida que acarrete uma distinção arbitrária entre as pessoas, por razão de seu estado de saúde ou seu estado sorológico em relação ao HIV, confirmado ou suspeito. Esse tipo de ato discriminatório pode ser resultado de uma ação ou omissão, intencional ou não intencional, direta ou indireta. Por causa disso, surge a necessidade de transpor as barreiras impostas.

É preciso mostrar às pessoas que as negligências e a segregação quanto a quem vive com HIV/aids são realidades incoerentes, em relação aos direitos que os soropositivos possuem, e não podem continuar se perpetuando. Além disso, há que se somarem esforços visando combater o preconceito com relação aos portadores do vírus HIV, destacando os meios propícios para o atendimento das necessidades e dos direitos que eles têm. Para tanto, aqueles que sofrem com isso devem encarar o fato de que o direito da personalidade à intimidade pode ser suplantado em nome de uma causa maior: o direito à saúde e a uma vida melhor. Acredita-se aqui que a legitimidade da intimidade se perde diante de avanços e mudanças que podem ser conseguidos com a exposição de suas vidas, pois, como defende Reis (2015), foi só assim que os soropositivos conseguiram garantias e direitos para sobreviverem e continuarem a lutar contra um vírus que ainda é incurável, mas que pode ter o seu convívio contornado e melhorado não só na qualidade da saúde, como também na vida social.

Foi aí que percebemos como eles nos usavam, éramos objetos para os interesses deles. Posando de pessoas dispostas a ajudar os ‘aidéticos’, como eles chamavam, mas onde está essa ajuda de fato hoje? Cadê o dinheiro que conquistamos com tanta luta? E os equipamentos, os leitos? Não se tem cuidado com a manutenção e tudo se quebra assim, do nada. E o direito a um serviço de saúde de qualidade que temos? Onde fica? (REIS, W. C., 2015)

Como se verifica no depoimento acima, as reivindicações e buscas por melhorias de vida dos soropositivos devem cada vez mais ser expostas e salientadas, pois os direitos à saúde e à dignidade da pessoa humana são inerentes a todos. Na Constituição do Brasil, saúde

significa políticas sociais e econômicas, para a redução do risco de doenças e de outros agravos, e acesso universal igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação. Mais, quer dizer que é preciso ter atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais, contando com a participação da comunidade. Porém, o que se percebe é que a prática continua sendo excludente. Uma afronta ao que preconiza o ordenamento jurídico brasileiro. Segundo o artigo 5º da Constituição, “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. Assim sendo, as pessoas não podem ser diferenciadas conforme seu estado de saúde, de modo que a soropositividade não implica limitação de cidadania e dos direitos. Elas têm o poder de exercer toda e qualquer atividade para seu desenvolvimento intelectual e profissional e para suas realizações pessoais dentro da coletividade, assim como defender-se de atentados contra a sua integridade física, a sua vida e a sua intimidade.

De acordo com Beltrão (19__), a intimidade deve ser preservada por causa da necessidade de as pessoas manterem distante do público aquilo que consideram de mais íntimo. Isso acontece, muitas vezes, por receio de expor diferenças e limitações sociais, porque certos modos de vida sofrem reprovação. Daí surge o sentimento de medo e vergonha, desencadeado pela expectativa de falta de aceitação diante dos valores sociais da censura e da desaprovação de outras pessoas. No entanto, quando se trata de negligência e falta de respeito a direitos fundamentais, como a saúde e a vida digna de pessoas com HIV positivo, é necessário que os que sofrem com isso possam lutar e expor suas vidas para que consigam fazer jus aos seus direitos. É preciso que os soropositivos enxerguem que a união e a comunhão em torno de melhorias para todos eles devem partir, especialmente, deles. Não há que se acuar diante da discriminação e do preconceito de pessoas que tratam os HIV positivos como seres nefastos pelo simples fato de possuírem um vírus dentro de seus organismos. Espera-se que, com a força deles em busca do suporte estatal, o atendimento às necessidades ocorra junto à comunidade e sob a supervisão dela, seguindo tanto critérios médicos quanto sociais. A atuação deve ainda democratizar-se, garantindo à população serviços de saúde, preventivos e curativos. Educação para a saúde e políticas de incentivo à solidariedade, contrapondo-se ao preconceito e à exclusão, destacam-se entre as medidas esperadas de um novo enfoque nas ações governamentais.

O intuito do livro-reportagem discutido aqui neste relatório não é apenas mostrar o universo dos HIV positivos e como eles sofrem com estigmas e preconceitos, mas também salientar que são pessoas que merecem e lutam por direitos que lhes são inatos, como

quaisquer seres humanos. Por isso, diante da complexidade e dos estigmas existentes sobre as pessoas que vivem com HIV/aids, a necessidade de se entender o universo delas e fazer um produto jornalístico sobre a questão vai ao encontro de uma prática jornalística que busca atender para os interesses dos cidadania e da participação social.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto do livro-reportagem discutido aqui endossa a problematização acerca da aids e do vírus HIV, buscando expor, de uma maneira mais abrangente e aprofundada, como é a realidade de quem vive com o HIV positivo. Afinal, segundo Traquina (2001), a temática é elevada a *status* de notícia na imprensa sempre orientada pelo fator acontecimento, sendo que pautas sobre ela são raramente iniciadas por jornalistas. A cobertura da imprensa, então, é muito mais reativa, e o assunto entra em pauta devido a um acontecimento relacionado ao tema ou a um dado fornecido sobre a doença pelas fontes oficiais. Percebe-se que, ao buscar se desvincular dessa nuance midiática, o livro-reportagem tratado aqui traz, no ato de adentrar, conhecer e analisar os dados acerca da realidade de quem é soropositivo, relação com o método de pesquisa antropológico. Como salienta Lago (2007), esse método ressalta que, depois de se realizar uma pesquisa inicial e identificar quais as questões que pretende enfocar, o pesquisador deve estar pronto para o trabalho de campo, a experiência que propicia o contato com o outro e que se inicia com a observação sobre a totalidade possível das práticas do grupo. Para tanto, o pesquisador-autor do livro-reportagem buscou, em conversas com pessoas de seu convívio e por meio de pesquisas na internet, personagens que estivessem dispostos a se mostrar e contar suas histórias de vida. Dentre os diversos relatos que descobriu, fez a seleção dos seis que permitiram mostrar suas identidades e foram expostos ao longo do projeto destacado aqui. A partir deles, buscou evidenciar a necessidade de identificação das pessoas soropositivas como uma forma de não se submeter aos preconceitos e mostrar que não há motivos para a existência de negligências e exclusões, pois são seres humanos como outros quaisquer. Além disso, com a história da trajetória deles, discutiu-se sobre os distintos aspectos existentes na temática HIV/aids e na vida de quem tem a sorologia positiva.

Desse modo, para realizar o produto jornalístico discutido neste relatório, na captação de informações, textos, imagens, ilustrações e produção gráfica do, o discente-autor atuou não apenas sozinho, mas também com os personagens destacados ao longo do projeto e junto a

profissionais colaboradores, tanto nas áreas de diagramação e fotografias quanto nos trabalhos com os recursos de texto. O intuito foi obter uma participação conjunta, com os profissionais e com os que estão fazendo parte do livro-reportagem, contando suas histórias de vida e luta. Por isso, os textos foram discutidos com os protagonistas das histórias, considerados leigos jornalisticamente, bem como com os profissionais envolvidos e que fazem parte da área de comunicação. Essa prática acaba dando ao trabalho uma característica cidadã, a exemplo da comunicação pública e do jornalismo cívico, articulando-o tanto nas questões profissionais quanto nas sociais. Tal método de trabalho evidencia uma pesquisa participante, na qual os envolvidos na produção podem ter como uma das finalidades, nos resultados e na realização do material, retornar os dados ao grupo pesquisado e aplicar tudo em benefício dele (PERUZZO, 2005, p.131). Assim, as pessoas que foram sendo ouvidas e expostas com suas histórias neste projeto atuaram também na elaboração dos textos, dialogando sobre a coerência do que estava sendo ressaltado e enfatizado neles.

Coadunando com essa prática conjunta e cidadã, a edição do livro-reportagem criada foi discutida ainda com representantes dos grupos que lidam com a temática HIV/aids, além dos personagens envolvidos no projeto, a fim de eles constatarem a clareza na divulgação dos dados e informações publicizadas no trabalho. Após o aval de todos e a etapa de impressão e distribuição para a apresentação no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba, contando com a permissão dos membros e parceiros ao longo do livro-reportagem, serão pleiteadas impressões de mais exemplares, por meio de editais públicos de publicação, para distribuir em sociedade, possibilitando maior amplitude ao trabalho, conforme se acredita aqui que a temática mereça. Mais uma vez, esse intuito atende à finalidade da pesquisa participante, pois esta, como destaca Peruzzo (2005), quando se relaciona com a área de Comunicação Social, observa fenômenos importantes, principalmente aqueles ligados a experiências populares de comunicação voltadas para o desenvolvimento social e que eram até então pouco expressivas ou ausentes no âmbito da pesquisa em universidades no Brasil.

Os trabalhos desenvolvidos durante a confecção do livro-reportagem se coadunam ainda com os objetivos da análise etnometodológica. Esta esclarece de que maneira as coisas vêm a ser como são nos grupos sociais, de que maneira cada grupo e cada membro apreende e dá sentido à realidade e por quais processos intersubjetivos a mediação da linguagem entre os grupos e seus lugares constrói a realidade social que afirmam (COULON, 1995, p. 90). Além disso, nota-se que o produto jornalístico a ser realizado aqui possui um amplo campo de

atuação e, como afirmam Bauer, Gaskell e Allum (2008), para que se tenha uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais, é necessário que existam muitos métodos e dados: um pluralismo metodológico se origina, então, como uma necessidade metodológica. Portanto, a investigação empírica necessita da observação sistemática dos acontecimentos e inferir os sentidos desses acontecimentos das (auto)observações dos atores e dos espectadores. Essa inferência exige técnicas de entrevistas, e a interpretação dos vestígios materiais, que foram deixados pelos atores e espectadores, precisa de uma análise sistemática. Isso tudo para dar coerência e clareza ao trabalho desenvolvido, quer seja ele de pesquisa, quer seja jornalístico. E é o que pode ser observado na construção exposta aqui do livro-reportagem “Ser PositHIVo: relatos da aids em Pernambuco”.

3.3 COLETA DE DADOS

No que diz respeito à técnica de coleta de dados, além de pesquisas com fontes (pessoas, instituições, livros, sites, documentos etc.), foram adotadas ao longo do livro-reportagem exposto neste relatório as entrevistas em profundidades. As perspectivas dessas entrevistas, em conformidade com Duarte (2005), estão relacionadas ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Assim como nos estudos qualitativos em geral, os objetivos são muitas vezes relacionados à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e da diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que pelo estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. Por isso, entrevistar em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade, tanto para tratar de questões relacionadas à intimidade do entrevistado quanto para descrição de processos complexos nos quais as pessoas estão envolvidas.

Sendo assim, foi essencial entrevistar e conhecer as seis vidas positivas para o HIV expostas e relatadas no livro-reportagem, procurando perceber de que maneira os relatos poderiam ser úteis na discussão sobre atitudes que reivindiquem necessidades, anseios e direitos na vida de todos os soropositivos. Ao realizar as entrevistas com os seis personagens, o pesquisador-autor buscou deixá-los livres de questões pré-estabelecidas, como questionários acadêmicos ou pautas jornalísticas, a fim de que pudesse obter, a partir do que dissessem sobre eles mesmos, informações necessárias para as problemáticas existentes no projeto discutido. Partiu-se de conversas, entre desconhecidos, para adentrar um universo que se configura ao mesmo tempo como particularizado e restrito, mas que também diz respeito a

toda a sociedade e de interesse público. Buscando respeitar a vida dessas pessoas e uma postura ética na escrita dos relatos delas, pôde ser realizado um mapeamento geral de como algumas pessoas soropositivas se encontram, propiciando uma articulação para as discussões dos distintos vieses acerca de como é se viver com o HIV e que podem ser notados nos relatos expostos no livro-reportagem “Ser PositHIVo: relatos da aids em Pernambuco”.

3.4 RESULTADO, ANÁLISE CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO

Quando se verifica o que está sendo discutido na parte 1 do livro-reportagem exposto neste relatório, percebe-se que os fragmentos dão conta do que foi e é conviver com HIV/aids em uma sociedade repleta de estigmas e preconceitos. Eles representam os efeitos disso de fato. No entanto, não se deve confundir a humanização da vida das pessoas expostas com uma exacerbação do sentimentalismo, da emoção. Pelo contrário, como jornalista, há a busca em ser preciso e direto na retratação dos personagens. Não cabe adicionar mais dor. Todo o sofrimento já está dado. Por meio dos relatos, pode-se constatar o que as pessoas vivenciam e sofrem por terem dentro de si um vírus ainda incurável e cheio de estigmatizações. Somente esses retratos das vidas – por eles mesmos – dimensionam os momentos difíceis que as pessoas passam. A sensibilização do leitor, por parte da narrativa, dá-se essencialmente pelos fatos em si, pois uma narração a respeito de pessoas que são estigmatizadas e sofrem por serem HIV positivas traz em seu bojo uma carga de sensibilização para quem lê. Por mais elementos de dramatização e de recursos linguísticos utilizados visando causar comoção em um texto, uma narrativa contada a partir de histórias da vida das pessoas, a priori, contém na temática a pretensão de sensibilizar o leitor. A dramaticidade dos atos, de desrespeitos e de discriminações aos seres humanos, está além das construções verbais. Com isso, a comoção, a dor e a compaixão das vidas expostas podem exalar nos leitores, quando eles se depararem apenas com os relatos dos fatos.

Na parte 2 do livro, constam os relatos de pessoas que passaram por diversas situações, ao longo das epidemias HIV/aids em distintas épocas no Brasil, e foram construindo a trajetória de lutas e buscas por uma vida melhor, como a de qualquer outro cidadão. Assim como em toda a escrita do projeto, há entrevistas e pesquisas sobre HIV/aids. A narrativa é embasada, além dos relatos das vidas, nos dados de registros documentais do que se aconteceu em diferentes tempos da existência do HIV e da aids pelo país. Há informações de sites da internet, arquivos impressos, dados das ONGs e fontes oficiais. Com

isso, articulam-se os aspectos documentais, a fim de confirmar ou confrontar as afirmações feitas no decorrer da narrativa. Ou seja, não só um trabalho de pesquisa histórico-social e de resgate da memória da existência do HIV e da aids no país ou da luta institucional no estado de Pernambuco, mas de análise dos dados obtidos em conjunto com os relatos das vidas. Ao realizar esse tipo de articulação, intenciona-se propiciar ao leitor uma maneira de entender o que se passou e de compreender como os detentores de poder podem agir em determinados momentos. Para tanto, o livro-reportagem encontrou um caminho que fugisse do rigor acadêmico e, ao mesmo tempo, da linguagem factual jornalística, construindo uma narrativa que buscasse o aprofundamento em muitos aspectos, mesmo que em momentos exista certa leitura que “ficcione” com as histórias de vidas.

Já na parte 3 do projeto discutido aqui, percebe-se que os dados foram tratados de modo mais direcionado. O objetivo foi traçar um mapeamento de como se deu a epidemia HIV/aids em Pernambuco e como estão vivendo as pessoas soropositivas no estado. Dessa maneira, buscou-se apreender, assim como com as vidas expostas ao longo das partes 1 e 2, a diversidade de pernambucanos que possuem a sorologia positiva para o vírus HIV. Para tanto, as investigações e os dados obtidos foram tratados de modo estatístico, relatados por fontes oficiais e governamentais. Nessa forma de articulação, percebe-se uma postura de jornalista e historiador ao mesmo tempo. Como afirma Catalão Júnior (2010), o historiador contemporâneo aborda o acontecimento visando compreender melhor o contexto no qual está inserido; já o repórter, pelo contrário, tem no acontecimento seu interesse principal, e aborda a contextualização apenas na medida em que ela ajude a compreender melhor o acontecimento reportado. Ao utilizar-se dos dados oficiais, há articulação da narrativa de acordo com interesses jornalísticos, apenas relatando os acontecimentos; mas, simultaneamente, expõe-se um contexto, por meio de documentos, a fim de que o leitor possa compreender melhor quem vive com HIV/aids de fato, sem ter em si apenas a estrutura político-ideológico existente sobre o tema.

Desse modo, por trás da frieza dos dados e números de relatos acerca de uma epidemia, foi preciso humanizar a narrativa, fazendo um texto que deixasse fluir as impressões de quem vive de perto as dificuldades de se ter um vírus, que ainda é incurável, dentro de si. O texto foi capaz de contar histórias duras e difíceis, tentando abarcar uma linguagem leve e fácil – bem ao estilo informativo do campo jornalístico e, por outro lado, ao didatismo de um livro que é para ser lido de forma direta, sem grandes rodeios. Além da busca por uma linguagem clara, o livro-reportagem deste relatório contou com recursos que

fizeram com que o trabalho se aproximasse da literatura: os relatos foram apresentados em fragmentos. Ora se está lendo o testemunho sobre a vida, em seguida sobre a luta, depois a denúncia e por aí segue até o narrador entrar em cena novamente, argumentando com os relatos expostos. Como afirma Ricouer (1994), inclinando-se a enxergar no tecer das intrigas o encadeamento de episódios da vida ainda não contados, histórias que oferecem pontos de ancoragem à narrativa. Para o estudioso, o narrar, o seguir e o compreender histórias são só a continuação dessas histórias não ditas. Assim, contam-se histórias porque, finalmente, as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas.

Percebem-se, então, as diversas fontes que foram utilizadas no trabalho, abarcando também diferentes linguagens quando se relatou os acontecimentos. Sendo assim, constam, no livro-reportagem, desde fotografias e infográficos, com a temática HIV/aids, até materiais de divulgação institucional. Para abranger tudo, utilizou-se de técnicas literárias e entrelaçou-as com os dados jornalísticos e documentais obtidos. Dessa maneira, houve o uso de depoimentos, pesquisas e documentos diversos. Com isso, foi se contextualizando os acontecimentos e as vidas dos que sofrem e lutam para melhorarem suas situações. Ao mesmo tempo, trouxe para o leitor dados e um resgate da estrutura política de saúde e da vida sociocultural no país e em Pernambuco. Interessante também é perceber como os suportes midiáticos se tornaram fontes para complementar os relatos existentes. Não apenas jornalistas usufruem dessa inter-relação, mas, por exemplo, vários pesquisadores igualmente se utilizam de informações obtidas por meio desses suportes. Por mais que existam questionamentos a respeito da validade, da legitimidade e da profundidade da linguagem midiática, não raro ela é considerada um testemunho autêntico dos acontecimentos reais. Constatam-se, dessa maneira, a mídia contribuindo para sustentar argumentos e contar os acontecimentos de quem vive com HIV/aids.

Sendo assim, a narrativa do livro-reportagem vai além de apenas citar e faz de trechos desses suportes da mídia uma ferramenta para os argumentos presentes no texto. Com essa perspectiva, usou os questionamentos presentes nos livros, em músicas e jornais para dialogar sobre a vida de outras pessoas que passaram por momentos de tensão e de luta por causa do HIV positivo. Esse é um procedimento que é inerente à atividade de jornalista, mesmo quando se atreve a contar algum acontecimento da história humana em um livro e não necessariamente em veículos da mídia. Afinal, a prática jornalística se utiliza de distintos elementos, a exemplo da literatura e da própria história, ensejando uma relação constante entre os diversos saberes com a finalidade de melhor expor os fatos para os leitores. Outra

marca da narração realizada no livro-reportagem deste relatório é certa sucessão cronológica na discussão dos acontecimentos, o que evidencia um caráter linear do enredo. Claro, as sucessões do tempo não são todas necessariamente encadeadas, mas percebe-se que há, muitas vezes, uma sequência para os acontecimentos, não só como uma forma de garantir melhor entendimento por parte de quem lê os fatos, mas também para dar um tom mais pessoal e humano ao que está sendo relatado.

Além de situar a política de HIV/aids no país ao longo das épocas, expõe-se no livro-reportagem deste relatório a falta de comprometimento dos governantes como uma proposta para algo a ser reivindicado e posto em prática de fato, uma inquietação pessoal, tanto do narrador quanto dos personagens. A história dos conflitos destacados não só reflete na vida dos personagens, como também na de todos aqueles que adentram àquela realidade para de alguma forma ter conhecimento e expor o que se passa. Elaborar um trabalho que se tem que percorrer caminhos cheios de descobertas, adentrando as vidas das pessoas, de desconhecidos, não se contentando apenas com informações de suportes bibliográficos ou oficiais, é algo que se torna difícil de passar inerte. Assim é com qualquer acontecimento da humanidade que gere controvérsias, reflexão e questionamentos a respeito de como os seres humanos se comportaram e podem se comportar. Uma forma de não negligenciar que existem e ainda persistem, sim, formas de abusos de uns para com os outros. Como enfatiza Peters (1989), a capacidade por parte dos seres humanos de infligir sofrimento a outros seres humanos, em nome da Lei, do Estado, ou simplesmente por satisfação pessoal, é algo tão generalizado e persistente que escolher um dos aspectos para discussão pode parecer injusto ou pretensioso.

Por isso, divulgar histórias, como as vidas dos personagens existentes no livro-reportagem descrito aqui, é uma das maneiras de continuar incentivando discussões e despertando interesses em novos grupos para transformar algo nesta sociedade que, muitas vezes, continua a abusar dos direitos humanos e da cidadania. E o jornalismo se torna um espaço propício para articulações desse tipo. Não só como narrativas que supõem “os modos apropriados” para as ações humanas, mas também um meio de se pensar nas diferentes posturas adotadas pelo homem ao longo do tempo. Ou ainda, no que fazer para articular maneiras distintas de se ver e se enxergar no outro. É o ser humano narrando as suas buscas, bem como os feitos dos outros, para melhor se posicionar diante de questões diversas das suas, propiciando uma percepção maior de si para consigo mesmo e para com o outro. Essas narrativas, naturalmente criadas pelo homem, são formas para ele melhor compreendê-lo diante de si mesmo, dos outros e do mundo que o rodeia.

CAPITULO 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 RELEVÂNCIA DA PESQUISA

O que se percebe no projeto aqui discutido é o fato de ser um trabalho configurado num campo jornalístico que tem a cidadania e a luta pelos direitos humanos como nortes. Fausto Neto e Fernandes (2011) ressaltam que, de “Quarto Poder”, o jornalismo se converte em uma nova problemática, de fontes de estudos e de preocupações. Isso acontece na medida em que várias dimensões, que constituem o fazer jornalístico (esta modalidade de prática social), são afetadas por dinâmicas e processos da sociedade em vias de midiatização crescente, que põem em causa nova ambiência, cultura, atores, identidades, narratividades e o próprio leitorado do jornalismo. Sendo assim, fazer jornalismo em prol daqueles que vivem à margem dos direitos de serem eles mesmos e sofrem com o preconceito é uma das premissas de atuação profissional, destacando o valor do jornalista como construtor de uma realidade que vá além da do senso comum.

Isso quer dizer que, concordando com o que Quesada (1987) define, é um processo criativo no qual o autor dirige suas atitudes racionais e emocionais em direção a uma meta que satisfaça a necessidade dele de investigar. Com isso, como argumenta Sequeira (2005), a precisão das informações se torna fundamental e acaba transformando as relações dos jornalistas com as fontes, sejam estas pessoas ou documentos. É preciso que o jornalista esteja atento aos detalhes do que vai ser divulgado, uma vez ele deve se responsabilizar por aquilo que publica e tem a obrigação de confirmar todos os dados, seja no que absorveu ao examinar documentos e materiais seja no que ouviu ou discutiu ao longo da investigação. Dessa forma, o livro-reportagem “Ser PositHIVO: relatos da aids em Pernambuco” trouxe à tona discussões acerca de uma população, a dos HIV positivos, a fim de expor a relevância em abarcá-la de modo o mais direto e aberto possível, procurando salientar as necessidades, os conflitos e os anseios que ela tem. A intenção foi mostrar, por meio das próprias pessoas com o HIV positivo, o que elas vivenciam e a importância da sociedade em compreender essa vivência, desmistificando preconceitos e visões estabelecidas sobre HIV/aids.

4.2 APONTAMENTOS FINAIS

A atuação jornalística deve estar atrelada não só ao compromisso social, mas também à ética. Como afirma Barbosa (2004), o saber e o poder exercidos pela mídia permitem-lhe

praticar um “panoptismo” a partir de um lugar próprio – de onde tudo observa, mede, controla e transforma os fatos em acontecimentos – e que deve estar atrelado aos interesses da sociedade, dando voz aos que necessitam de atendimento em suas demandas e em seus direitos. Com essa perspectiva, o livro-reportagem discutido aqui, nos dizeres de Lima (1990), busca um sentido profundo do objeto e é o que aproxima o jornalista dos artistas plásticos, dos que lidam com as coisas; ou dos arquitetos, que estão sempre em relação com as exigências funcionais. Há, então, um estilo jornalístico como condição preliminar da maneira particular de escrever do jornalista. Ele, a exemplo de todo escritor ou artista, tem de atender à exigência estilística de possuir seu próprio estilo e ainda comungar com o gênero que adota. Por isso, mesmo com diferentes formatos de análise e tipos de leituras, os livros em formato de reportagem estão sempre ligados ao fazer jornalístico, especialmente quando tratam de assuntos ligados às histórias humanas e denúncias de abusos, preconceitos e lutas por uma sociedade menos discriminatória e sectária, como se percebe no livro-reportagem que deste relatório.

Conforme Fausto Neto (2006), o jornal é agente e um lugar de operação de produções de sentido e, por causa das ações dos seus dispositivos, o que é noticiado vem se transformando, deixando de ser um processo linear que envolve produtor e receptor, ou ainda uma transação de falas entre fontes e jornalistas. Tais circunstâncias revelam que os jornalistas estariam apenas a serviço da missão de revelação e de representação de discursos que circulam pela sociedade. No entanto, o que se nota no projeto destacado aqui é uma necessidade de se desvincular dessas premissas e propiciar um jornalismo em favor de vozes diversas daquelas que detêm o poder, destacando as problemáticas de comunidades e pessoas que precisam ser ouvidas e atendidas em seus direitos, como cidadãos que são. Beltrão (1992) defende que o jornalismo tem como finalidade a promoção do bem comum e possui uma função educativa com o intento de esclarecer a opinião pública para que ela sinta e aja com discernimento, buscando o progresso e a ordem da vida em sociedade. Ou seja, uma prática jornalística coerente com o intuito de divulgar informação de interesse público, sem deturpações ou manipulações para que os dados sejam obtidos ou publicizados, além de abarcar os interesses da cidadania e dos direitos humanos.

Nesse processo, enfatizando o posicionamento de Reis (1993), tanto os contornos quanto o encadeamento e a função dos acontecimentos obedecem a visões distintas. Não seria diferente para os jornalistas. Eles fazem uso de métodos que partem de exigências e preocupações que não são iguais, mesmo que apresentem elementos em comum, adentrando e

investigando de modo particular o que se propõe – o que pode ser evidenciado ao analisar o trabalho de realização do livro-reportagem relatado aqui. Quando busca discutir as ações de pessoas em busca dos seus direitos e de uma vida melhor, por sofrerem com preconceitos e estigmatização, o projeto traz à tona as particularidades e as denúncias a partir da visão do autor de si mesmo, dos outros e do processo investigativo e documental. Ou seja, um modo particular e, ao mesmo tempo geral, de ênfase nas histórias e visões de mundo expostas ao longo do processo de criação do livro-reportagem. Para Gitlin (2003), ao destacar o desvio, o bizarro e o pouco comum, por exemplo, os jornalistas apoiam implicitamente as normas e os valores da sociedade. Sendo assim, as formas de os jornalistas enquadrarem os acontecimentos são influenciadas pelas pressuposições tradicionais do jornalismo: as notícias envolvem acontecimentos e não as condições que produzem os acontecimentos; as notícias privilegiam as pessoas e não o grupo; as notícias destacam o conflito e não o consenso; as notícias privilegiam o fato que alimenta a história e não o fato que a explica.

No entanto, com o livro-reportagem, pode haver um aprofundamento e um caminho mais singular para a prática jornalística. No produto jornalístico destacado neste relatório, observa-se que não se intenta enfatizar o que é imposto pela sociedade, mas, sim, questionar e explicitar que esse tipo de postura não condiz com uma atuação do jornalista com interesse em construir narrativas voltadas às necessidades de todos. Há uma ênfase nos acontecimentos e como eles foram sendo produzidos em nome de uma sociedade que discrimina. Existe também a preocupação com o coletivo, uma vez que as histórias de vida expostas salientam a necessidade de olhar para o que se faz com determinadas pessoas, mas que, para além delas, muitas outras sofrem estigmas e discriminações apenas por buscarem ser quem são. Finalmente, procura-se igualmente destacar o conflito e o consenso, já que, ao mesmo tempo, o trabalho aponta a problemática e a pacificação das vidas dos HIV positivos, mostrando os meios que a sociedade pode explorar para realizar seus feitos de modo o mais igualitário possível. Por sua vez, fez-se importante no projeto, ao noticiar como vivem pessoas com HIV/aids em Pernambuco, explicar como as histórias de vida foram sendo construídas e não necessariamente como os fatos se alimentaram. O intuito foi mostrar que as dificuldades aconteceram e que, por mais que elementos externos as alimentem, há a necessidade de trazer os porquês e como eles justificam, ou não, determinadas ações.

Com isso, como ressalta Alsina (2009), os acontecimentos selecionados de alguma forma definem uma sociedade e o sistema de valorização do acontecer fica implícito na transmissão de determinados acontecimentos. Então, quais são os valores que têm de ser

respeitados para a viabilização da realidade? Respondendo, Alsina (2009) acredita que os acontecimentos serão a imagem que a própria sociedade vai oferecer sobre si mesma, e sobre as outras sociedades, que, por sua vez, cada sociedade vai definir o que é acontecimento e como estabelecer implicitamente os parâmetros para a consequente transcendência social. Assim também foi quando se propôs o livro-reportagem descrito aqui. Ele foi se transformando e se solidificando com suas perspectivas, sejam mais ou menos abrangentes, a respeito dos aspectos da aids e do HIV que foram traçados. Dessa forma, foi ao encontro do fazer, definir e divulgar o saber jornalístico (a notícia), destacando meios singulares que poderiam ser utilizados para retratar uma realidade específica, uma vez que isso requer um modo de análise o mais adequado possível. Mas, se o objeto em questão é de ordem social, como é o caso de qualquer suporte comunicacional, o paradigma deverá ser modificado cada vez que se observar uma mudança profunda e estrutural nessa sociedade. E assim é que se constrói um produto jornalístico, como o livro-reportagem discutido, com sua motivação central, mas também com sua amplitude e abertura para novos traçados.

Espera-se que, com o livro-reportagem “Ser PositHIVo: relatos da aids em Pernambuco”, fique explícita a relevância da discussão para que as vidas dos que possuem negligências em nome de uma contaminação por um vírus sejam levadas em consideração, não só por aqueles que realizaram este trabalho, como também por outros que possam um dia se deparar com ele. É a reflexão do papel do ser humano diante das construções sociais que lhes são impostas: por que se portar assim pelo que não se conhece? Por que uma pessoa infectada por um vírus merece ser excluída de um convívio social qualquer? A exclusão do que não é comum se torna relevante por qual motivo? Pelo medo do desconhecido? Até que ponto se predispõe ao conhecimento deste que não é conhecido? E as reflexões não devem parar de surgir na mente de cada um, para que as ações possam ser postas em prática e, assim como o vírus HIV e a aids, consigam ser curadas e sanadas.

REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARBOSA, P. L. N. **Análise do discurso e o diálogo entre jornalismo e história**. Sessão de debates do XIX ENANPOLL, 2004. Disponível em:
<www.geocities.ws/gt_ad/pedronavarro.doc>. Acesso em: 18 ago. 2015.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do acontecimento: evitando confusões. In: _____; _____ (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BECKER, H. S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o real. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Sao Paulo: EDUSP, 1992.

BELTRÃO, S. R. **Direito de personalidade à intimidade**. Disponível em:
<<http://www.tjpe.jus.br/documents/33154/34767/cap09.pdf/04061934-de43-437e-a2a4-9a68947dafa0>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BIANCHIN, N. **Romance-reportagem**: onde a semelhança não é mera coincidência. Florianópolis: UFSC, 1997.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. **Constituição Federal**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 26 jun. 2015.

BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CARVALHO, C. A. de. **Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas**: a cobertura da AIDS pela Folha de São Paulo de 1983 a 1987. São Paulo: Annablume, 2009.

CASCAIS, F. **Dicionário de jornalismo**: as palavras dos media. Lisboa: Verbo, 2001.

CATALÃO JÚNIOR, A. H. **Jornalismo best-seller**: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. Araraquara, SP: O Autor, 2010.

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, G. de; GALENO, A (Orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: _____; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, M. Y. M. Comunicação e cidadania. In: DUARTE, J. (org.). **Comunicação pública**: Estado, mercado, sociedade e interesse público. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

EKSTEROWICZ, A. J.; ROBERTS, R.; CLARK, A. Jornalismo público e conhecimento público. In: TRAQUINA, N.; MESQUITA, M. (orgs.). **Jornalismo cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

FAUSTO NETO, A. **Comunicação e mídia impressa**: estudo sobre a AIDS. São Paulo: Hacker, 1999.

_____. **Midiatização: prática social, prática de sentido**. Rede Prosul, São Leopoldo, Unisinos, 2006.

_____; FERNANDES, J. D. (orgs.). **Interfaces jornalísticas**: ambientes, tecnologias e linguagens. João Pessoa: UFPB, 2011.

FERNANDES, A. B. **Jornalismo, cidadania e direitos humanos**: uma relação reflexiva no espaço público. Salvador: Intercom, 2002.

FONTANA, M. **Literatura e jornalismo**: fato e ficção em Abusado e Cidade de Deus. Recife: O autor, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.

GITLIN, T. **Mídias sem limite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GREGOLIN, M. R V. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: _____. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

GUEDES, N. G. de T. **Nos rastros de Rota 66 e Abusado**: o livro-reportagem e a tradição das narrativas realistas/naturalistas brasileiras. Belo Horizonte: O Autor, 2007.

HABERMAS, J. Representação pública e memória cultural. In: _____. **Era das transições**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, L. C. (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v.2

KELLNER, D. **A cultura da mídia**: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LAGO, C. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. In: _____.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, A. A. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte, Edusp, 1990.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 1993.

MEDINA, C. C. de A. (org.). **AIDS, na rota da esperança**. São Paulo-SP: Fundação Memorial da América Latina, 2011. v. 1.

MONTEIRO, G. F. A singularidade da comunicação pública. **Comunicação pública**: Estado, mercado, sociedade e interesse público. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MOTTA, L. G. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **E-compós**, ed. 1, dez. 2004. Disponível em: < <http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

NASCIMENTO, V. L. V. do. **Aids e direitos humanos**: práticas sociais em situações de discriminação. Curitiba: Juruá, 2009.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J., BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

PETERS, E. **Tortura**. São Paulo: Ática, 1989.

QUESADA, M. **La investigación periodística**. Barcelona: Ariel, 1987.

RAMOS, C. **Literatura e jornalismo**: bases teóricas para análise do livro-reportagem. Recife: O autor, 2010.

REIS, A. O jornalista e o historiador: aproximações e diferenças. **Penélope**: fazer e desfazer a história. Lisboa, n. 12, p. 135-142, 1993.

REIS, W. C. Entrevista dada ao autor em janeiro de 2015. (Gravação em áudio).

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Campinas, SP: Papiru, 1994. v.1

ROLANDO, S. A dinâmica evolutiva da comunicação pública. In: KUNSCH, M. M. K. (org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

ROSEN, J. Tornar a vida pública mais pública: sobre a responsabilidade política dos intelectuais dos media. In: TRAQUINA, N.; MESQUITA, M. (orgs.). **Jornalismo cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

SATO, N. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, G. de; GALENO, A (Orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

SEQUEIRA, C. M. de. **Jornalismo investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, E. F. da. **Direito à intimidade**. São Paulo: Oliveira Mendes, 1998.

SQUIRRA, S.; FECHINE, Y. (Orgs). **Televisão digital**: desafios para a comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRAQUINA, N. A problemática AIDS: acontecimentos, notícias e 'estórias'. In: _____. **O estudo do jornalismo no século XX**. Porto Alegre: UNISINOS, 2001.

VILAS BOAS, S. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

APÊNDICE - PRÁTICAS INTEGRATIVAS

Uma das premissas para o campo de atuação jornalística é a inserção dentro de temas ligados à cidadania e à luta pelos direitos humanos. Com essa perspectiva, o profissional jornalista, discutido nesta Prática Integrativa, finca sua atuação em favor daqueles que precisam de voz, de uma parcela da sociedade que quase nunca está exposta de forma coerente na grande mídia, sendo alvo de exploração e estigmas constantes. São destacados aqui alguns dos trabalhos desenvolvidos ao longo do curso Mestrado Profissional em Jornalismo, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba. Neles, expõem-se leituras e discussões sobre os processos jornalísticos, bem como trabalhos que envolvem a temática pertinente ao projeto desenvolvido pelo discente, o livro-reportagem “Ser PositHIVO: relatos da aids em Pernambuco”. O compromisso foi, acima de tudo, refletir acerca da falta de coerência na exposição de temas ligados aos direitos das pessoas e comunidades, destoando da estigmatização de que elas são alvo pela mídia cotidianamente.

Para começar, necessita-se justificar o formato do trabalho e a escolha do título. A narrativa jornalística busca nas histórias das pessoas uma maneira de contextualizar e explicitar questões da humanidade. Essa relação é realizada muitas vezes sem o devido aprofundamento na contextualização, gerando várias críticas para a linguagem jornalística. No entanto, o jornalista encontra no livro-reportagem um caminho para construir uma narrativa mais aprofundada. E foi justamente com essas perspectivas que se deu a escolha do livro-reportagem como um projeto de mestrado. Quanto ao título, discutiram-se algumas propostas, todas vinculadas às histórias de vida tratadas ao longo do trabalho. A primeira, que foi levada ao Exame de Qualificação, “Histórias PositHIVas: vivendo com aids em Pernambuco” acabou sendo descartada, uma vez que se descobriu um livro com o mesmo título e também certa inconsistência no subtítulo por causa dos relatos de vida expostos nem sempre comportarem pessoas que viveram, ou vivem, com a doença aids de fato, mas sim com a positividade para o HIV. Assim sendo, optou-se pelo título apresentado aqui de “Ser PositHIVO: relatos da aids em Pernambuco”, que sintetiza as vidas discutidas ao longo do livro-reportagem e ainda traz a temática da aids no estado de Pernambuco como foco de exposição e diálogo.

Então, a trajetória até chegar ao trabalho final do curso de mestrado contou como exercício concreto as discussões e as avaliações existentes durante as disciplinas cursadas. Foram sete no total, além do exame qualificatório. No primeiro semestre de curso, em 2014.1,

houve duas disciplinas obrigatórias, Teorias do Jornalismo e Ética do Jornalismo, e uma optativa, Práticas Investigativas em Jornalismo. Na primeira, discutiram-se princípios metodológicos do campo jornalístico, enfatizando os aspectos do agendamento, da espiral do silêncio e do *gatekeeping*. Por meio desses estudos, pôde-se compreender de que forma o fazer jornalístico influencia no que as pessoas assimilam dos produtos midiáticos, trazendo para a vida delas assuntos e discursos produzidos pelos meios de comunicação de massa. Já na disciplina Ética do Jornalismo, o modo como os jornalistas atuam em prol de concretizar os anseios profissionais e da indústria midiática foram postos em xeque. Assim, as disciplinas se complementaram por uma trazer à tona os modos como os jornalistas operam e a influência de seus posicionamentos na sociedade; e, a outra, questionar como esses procedimentos são adotados e como a conduta ética é questionável na prática jornalística. Por sua vez, na disciplina Práticas Investigativas em Jornalismo, houve discussões acerca dos métodos utilizados na construção de matérias por jornalistas investigativos, dando uma boa visão para o discente atuar na prática investigativa no desenvolvimento do seu projeto de livro-reportagem.

Essas disciplinas, diga-se de passagem, ratificaram a percepção do discente acerca das diversas categorias e práticas jornalísticas pensadas à época da reescrita do projeto de pesquisa (pós-seleção do mestrado). Então, novo projeto do livro-reportagem foi entregue, em julho de 2014, para a avaliação do professor Hildeberto Barbosa, a fim de obter sua orientação. Consentida a nova configuração do trabalho, o discente passou a cursar mais disciplinas no PPJ-UFPB, em 2014.2, para aprimoramento de sua percepção sobre o jornalismo. Assim, apareceram em seu caminho discussões do Jornalismo Digital, como disciplina optativa, e das Técnicas, Linguagem e Ambiências Jornalística e Seminários de Trabalho Final I, como disciplinas obrigatórias. Da primeira, o discente absorveu as mudanças e as inovações trazidas com o ciberespaço, possibilitando o conhecimento de diversos formatos para o processo de apuração e divulgação de informações. Já das outras, pôde-se dialogar sobre a diversidade de técnicas existentes no jornalismo, enfatizando, no trabalho final da disciplina, a sua vivência jornalística de divulgador de trabalhos com pessoas que são excluídas e estigmatizadas socialmente, a exemplo do seu projeto de livro-reportagem sobre pessoas vivendo com HIV/aids em Pernambuco, que foi particularmente tratado na disciplina de Seminários de Trabalho Final I. Tanto nesta, quanto na disciplina de Seminários de Trabalho Final 2, realizada em 2015.1, o discente tratou especialmente das discussões acerca do seu projeto e de temas ligados à cidadania e direitos humanos para abarcá-lo. Com isso,

trilhou o caminho para abarcar o máximo de conhecimento na preparação de seu livro-reportagem.

Finalmente, antes da concretização do Trabalho Final, o discente cursou a disciplina Jornalismo Temático e realizou o Exame de Qualificação, ambos no segundo semestre de 2015. Na disciplina, obteve discussões e conhecimentos sobre o jornalismo realizado com personagens, por meio de temáticas biográficas e de histórias de vida que os jornalistas utilizam na realização de seus trabalhos. Dessa forma, conseguiu adquirir mais perspectivas teóricas e metodológicas para o projeto do seu livro-reportagem, que foi discutido e exposto no Exame de Qualificação. A partir dessa amplitude de diálogos e constantes idas e vindas buscando a melhor forma de realizar o projeto “Ser PositHIVo: relatos da aids em Pernambuco”, o discente exposto neste Memorial se faz notar numa ambiência jornalística que tem a necessidade de se desvincular das premissas de que os jornalistas estariam apenas a serviço da missão de revelação e de representação de discursos que circulam pela sociedade, propiciando um jornalismo em favor de vozes diversas daquelas que detêm o poder e destacar as problemáticas de comunidades e pessoas que de fato precisam ser ouvidas e atendidas em seus direitos, como cidadãos que são.

Para além das disciplinas cursadas e do ambiente do mestrado na UFPB, o espaço acadêmico trouxe ao discente a oportunidade de vivenciar outras rotinas. Assim, pôde publicar, em conjunto com a professora do PPJ, Joana Belarmino, o artigo “A deficiência da cobertura da aids: por um jornalismo mais cidadão e aprofundado”, na revista Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo, v.2, em 2015. Também frequentou eventos para presenciar discussões acerca de temas diversos ligados ao seu interesse de pesquisa: o “IX Colóquio Internacional Michel Foucault: Michel Foucault e as heterotopias do corpo”, em 2015, o “4º Seminário Regional de Jornalismo Investigativo”, o “Seminário Direitos das Minorias” e o “Seminário Tendências no desenvolvimento tecnológico da televisão”, todos no ano de 2014. Com isso, buscou sedimentar a formação acadêmica a fim de que pudesse obter experiências para o curso de mestrado e o seu Trabalho Final.